

Bibliotecas públicas e escolares face à estrutura e conjuntura nacionais(*)

Ezequiel Theodoro da Silva

Faculdade de Educação – UNICAMP

Associação de Leitura do Brasil/ALB

Resumo – Lançando mão de um prólogo, o autor primeiramente tece críticas à burocracia e ao tipo de mentalidade presentes nas bibliotecas públicas brasileiras. Depois, coloca pontos de vista a respeito da conjuntura atual, que é negra e de crise, finalizando com comentários sobre a pesquisa “O livro como objeto de lazer no âmbito das bibliotecas públicas da região de Campinas”, realizada por Beatriz Giongo, da PUCCAMP. Conclui que o momento histórico atual é de espera, até que a situação econômica e política do país se desanuvie.

1 **Prólogo Necessário e, em certo sentido, exemplar...**

Convidado para fazer a conferência de abertura do 3º Ciclo de Estudos da CBBPE, em substituição à Profª Marilena Chauí, imaginei o seguinte plano para a minha visita de um dia ao Rio de Janeiro: chego logo de manhã (ali pelas 8:30 h), tomo uma condução ao centro da cidade, passo um bom tempo numa sala de leitura na Biblioteca Nacional, almoço ali por perto e depois sigo a Biblioteca Pública Estadual do Rio de Janeiro, perto da Central do Brasil, para fazer o serviço.

O convite me chegara urgente, por telefone, com apenas quatro dias de antecedência – isto porque Marilena Chauí estava enfrentando um impedimento de última hora na Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. Mesmo bastante atarefado com a organização do 7º Congresso de Leitura do Brasil – 7º COLE, que ocorreria dali a duas semanas, e mesmo relativamente estafado, pois acabara de retornar de uma viagem de cinco dias ao Rio e a Goiânia, resolvi aceitar o desafio desse apelo de última hora. Eu conhecia os muitos esforços que estavam sendo feitos pela CBBPE em prol da reciclagem dos bibliotecários e da melhoria das bibliotecas brasileiras.

* Conferência apresentada no 3º Ciclo de Estudos da Comissão Brasileira de Bibliotecas Públicas e Escolares/CBBPE-FEBAB, rio de Janeiro, 28/08/89.

Agarrei o tema da conferência com muito carinho e, em três dias (e noites) de intenso trabalho de redação, eu o tinha como quase que totalmente esboçado. Faltava apenas uma última revisão do texto e alguns retoques na parte das conclusões. Isso, pensei, eu executaria no Rio de Janeiro, quando estivesse gostosamente sentado numa daquelas amplas e belíssimas salas da Biblioteca Nacional. A idéia de passar uma manhã na maior biblioteca brasileira, centenária e recém-restaurada, me estimulava bastante, fazendo-me contar os minutos para lá chegar.

A viagem de avião até ao Aeroporto do Galeão foi muito boa... encontrei-me com algumas bibliotecárias da UNICAMP, que também estavam rumando para o Rio a fim de participar do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, que tomaria lugar no Centro de Convenções do Hotel Glória. Caía uma chuva relativamente grossa quando aterrissamos em terras cariocas, mas isso não me impediu de entrar num ônibus, momentos depois, para chegar às proximidades da Biblioteca Nacional, localizada na Cinelândia.

Cruzei a Avenida Rio Branco aos pulos, pois chovia muito e havia poças d'água por todos os cantos. Subi as escadarias da Biblioteca Nacional feito um relâmpago. Cheguei ao guichê de entrada onde limpavam-me todos os meus pertences, sendo que, para conseguir um crachá de acesso, tive de apresentar a minha carteira de identidade a uma das atendentes. Até aí tudo bem, mesmo passando por suspeito até segunda ordem...

Rodei a catraca da porta de entrada, onde, do lado de dentro, se postava uma velha senhora com os braços cruzados. Perguntei-lhe em que lugar eu poderia me sentar a fim de terminar de escrever o meu texto. Sem nada dizer, ela lentamente ergueu o braço direito indicando-me uma das portas que dava para a sala de leitura no andar térreo. Já com um pouco de frio (a temperatura caíra drasticamente naquela manhã) e com a camisa meio molhada (não pude evitar a chuva), segui rapidamente na direção da porta indicada – eu queria terminar o texto da conferência o mais rápido possível de modo que me sobrasse algum tempo para admirar a arquitetura da maior e mais famosa biblioteca brasileira. Até aí tudo bem, mesmo com toda a carga de ansiedade do chegar...

Quando adentrei a sala de leitura – imensa... e com apenas alguns gastos pingados distribuídos individualmente pelas mesas –, começou o inferno... “Psiu, psiu! Onde o senhor vai?”, surpreendeu-me uma senhora sentada logo atrás da porta e cuja fisionomia não deu para eu perceber muito bem. Expliquei-lhe que eu desejava terminar de ler e escrever um texto para cumprir com um compromisso. Ela deu com a cabeça de lado e eu continuei seguindo em direção a uma das mesas. “Psiu, psiu! Vem aqui, senhor...” – era uma segunda daquelas senhoras que, atrás de um balcão, me chamava com o dedo para perto de si. Repeti-lhe o objetivo de minha visita, mos-

trei-lhe as folhas do manuscrito da palestra, apresentei-lhe a minha identificação de pesquisador e professor da UNICAMP, etc., mas, ela, com um senho de pequena autoridade, exclamou secamente que ali eu não poderia ficar, pois se tratava de um local de consulta. Ia dizer-lhe que consultaria o meu próprio manuscrito, mas de pronto desisti desse propósito em função da feição - fria e mumificada que eu tinha pela frente. Joguei os meus braços para cima e, frustrado, com o rabo entre as pernas, saí da sala...

Cruzei o salão central, olhando de esguelha as fotos de uma exposição que havia no local. Em frente, do lado oposto, uma outra sala – quem sabe eu ali encontraria um pouco mais de solidariedade, pelo menos até que a chuva lá fora tivesse passado. Porém, no meio do caminho, a porteira (aquela que há pouco me indicara a sala) me fez parar e perguntou o porquê do meu retorno tão rápido ao salão. Eu novamente lhe contei toda a história e perguntei se poderia usar a sala em frente para terminar de rever o meu texto. (Quem sabe... um pouco de compreensão ... estava chovendo muito lá fora ...)

“Para entrar com seu material e escrever lições, você tem que ir para uma outra biblioteca que fica a uns três quarteirões daqui. Aqui não pode escrever texto, só consultar!” Bem, com mais esse não-pode, tomado por mim como um estridente tapa na cara, saí correndo do local, arrisquei-me a tomar um pouco mais de chuva e escondi-me numa lanchonete atrás do Municipal para um longo café de espera. Mais tarde, amainados os pingos da chuva e frente à dificuldade de arrumar um táxi, segui à pé mesmo até a Biblioteca Pública Estadual do Rio de Janeiro, na Avenida Presidente Vargas, onde, felizmente, havia um espaço para eu ler meu próprio texto, dando-lhe os retoques necessários.

Vivendo, sofrendo e aprendendo ...

2 Breve reflexão de permeio ...

Talvez o problema não seja a existência de poucas bibliotecas no país ... Talvez o problema não seja o acervo ultrapassado... Talvez o problema não seja a manutenção dos edifícios... Talvez o problema não seja o número de funcionários ... Talvez o problema não seja o número de exemplares de livros ... Talvez o problema não seja o gosto pela leitura, o hábito de leitura ... Talvez o problema não seja ... Talvez o problema ... Talvez...

O problema da biblioteconomia brasileira está na mentalidade retrógrada de um grande número de bibliotecários. Bibliotecários que se apresentam como pequenas autoridades: donas dos espaços públicos, reprodutoras cegas de normas esclerosadas, escravas das fichas de catalogação e de sistemas fechados de consulta, seguidoras servis dos códigos e não dos ca-

minhos concretos da vida, zumbis de espaços compartimentalizados (será que o incidente de Antares não ocorreu no espaço de uma biblioteca?), marionetes alienadas que só funcionam ao toque da burocracia e incapazes de sair dos enferrujados trilhos do tecnicismo, bedéis vivendo atrás das barreiras dos seus balcões, seres dependentes de outro planeta onde não existe o diálogo, cópias carbono dos tótons autoritários e tocadoras da mesmice, cujo único desafio na vida é saber quando vai sair a aposentadoria para que continue a fazer nada do nada que sempre fez...

3 A Conferência

Este agora histórico, vivido com muito esforço no nosso dia-a-dia, impõe-nos, igual a uma chuva torrencial de cortantes canivetes, o desarranjo pessoal e a perplexidade social. A um amigo de mais idade, brasileiro e nacionalista como eu, perguntei se ele já tinha vivido uma época pior do que esta; ele me respondeu, com um quê de muito pessimismo, serem estes os dias mais difíceis de sua vida e que provavelmente as novas gerações de brasileiros pagariam um preço até bem maior do que estamos pagando em função dos abalos do sistema econômico e da negra perspectiva de futuro. Um outro amigo, cansado – muito cansado mesmo – de dar murro em ponta de faca, vendo os seus projetos serem derretidos tal qual castelos de areia, nem mais revistas ou jornais lê, proclamando estar cansado de tanta notícia ruim. Recente estatística que li, nem me lembro onde, mostrava que, iguais às prisões brasileiras, as casas de saúde e hospícios deste país estão completamente lotados – lotados, certamente, por pessoas que, não possuindo a necessária tolerância as ambigüidades sociais, se desparafusam completamente frente às contradições e aos perigos que lhes saltam à cara a todo minuto.

Não quero, neste instante, discursar sobre as mil e uma dificuldades que todos nós estamos vivendo. Falar de crise seria tentar extrair escuro de onde só escuro existe. Entretanto, mesmo não desejando me colocar como um arauto das catástrofes e dos piores dias, realmente fica muito difícil antever um caminho ou uma estreita trilha que conduza a uma taxa condizente de satisfação com esta nossa vida na sociedade brasileira. Não é à toa que milhares de jovens brasileiros fogem para outros países na busca de trabalho, de futuro e de construção de um patrimônio pessoal; não é à toa que muitas pessoas adentram definitivamente na esfera de apatia, perdendo as suas perspectivas de produzir e de construir o que quer que seja; não é à toa que a segurança civil, em todos os cantos do país, fica cada vez mais difícil de ser preservada. A grande questão, hoje, é saber se você vai retornar para casa depois de um passeio, de uma compra ou de um dia de trabalho. O clima social é “quente” e, por isso mesmo, nos faz sentir muito medo e, às vezes, terror.

Causas oriundas de fontes diversas produzem a situação atual. Não vou discorrer sobre elas, mesmo porque não teria tempo e nem gostaria de repetir fatos que vocês certamente já estão carecas de saber. Minha análise ligeira deste momento histórico me diz que a conjuntura vai de ruim para péssima (senão drástica), porque as estruturas não se modificaram e permaneceram exatamente as mesmas. Traduzindo esta minha colocação, quero dizer que, enquanto povo e nação, a nossa grande esperança, após o final do ciclo das ditaduras, era que as estruturas sociais se modificassem no sentido de proporcionar melhoria de vida e de pelo menos minimizar as crassas injustiças existentes no país. Essa esperança foi completamente frustrada mesmo porque a classe dominante não abriu mão de seus muitos privilégios, reorganizando-se rapidamente dentro deste período.

Com a conquista da liberdade de expressão, com a organização da sociedade civil em entidades representativas e com as eleições para governos estaduais, pensávamos que as estruturas injustas, historicamente construídas ao longo de vários séculos e bastante reforçadas durante os períodos ditatoriais, pudessem ser questionadas, abaladas e destruídas. No meu ponto de vista, houve e ainda está havendo muito questionamento, porém, os momentos de abalo e superação estão ainda por acontecer, o que nos remete para um futuro incerto pós-eleições, dependendo de quem chegar ao poder. Nestes termos, não creio estar errado em afirmar que vivemos num momento de “compasso de espera”, repleto de perplexidades e sem muita vontade para construir ou investir energia em novos projetos. Daí ocorre na minha mente a imagem daquele homem andando em círculo no mesmo lugar, sem ter energia para agir sobre a realidade e aguardando a chegada de novos tempos, talvez mais promissores para ele começar a se mexer.

Num período como este, onde a tônica recai na instabilidade e na avalanche de acontecimentos negativos, somos como que impedidos de exercer duas de nossas capacidades humanas fundamentais: a transcendência e, a partir dela, a prospecção do futuro. Enredado por um cipó de fatos do nosso cotidiano (inflação, insegurança civil, mudanças recorrentes nas regras do jogo econômico, etc...), tendo à frente a superaceleração da tecnologia, e sentindo na pele aquilo que Alvim Tofler chama de “choque do futuro”, a nossa capacidade de transcender, isto é, de parar uma atividade ou ação, sair dela mesma para sobre ela refletir, fica sensivelmente prejudicada. Por outro lado, a ideologia da pressa, em cuja base se coloca o fator produtividade da sociedade capitalista, nos sufoca a todo instante, dificultando o estabelecimento de reuniões ou de encontros visando a reflexão de nossas práticas. O cotidiano parece estar composto e repleto de agulhas opressoras, não facilitando a vivência de práticas humanizadoras e humanizantes, contrárias àquelas oriundas da atual corrente. Some-se a estes fatos a moda atual do “levar vantagem em tudo”, que já se apresenta como um valor à população, pondo para escanteio as posturas e éticas morais nas mais diferentes esferas da vida social brasileira.

A dificuldade de praticar a transcendência das nossas práticas, procurando enxergar as suas contradições e limitações, ofusca a nossa percepção das possíveis condições e dos possíveis aspectos a serem previstos e controlados no horizonte da prospecção ou do planejamento do futuro. Os supermercados não se ressentem muito disso à medida em que simplesmente colocam as máquinas de remarcação para funcionar, fazendo ecoar em nossos ouvidos aquela triste melodia que tão bem conhecemos. Recupero aqui a imagem e o som das remarcações de preços mesmo porque eles expressam muito bem o quadro de saída de um processo que nos confunde a todo momento e cuja origem, por diferentes razões, não sabemos muito bem onde se situa. Na área do trabalho sócio-educacional (e creio que o fenômeno possa ser estendido para a esfera biblioteconômica); são tantos os acontecimentos intervenientes que ocorrem em meio a um determinado processo que, lamentavelmente, os nossos projetos se esboroam ao sabor do acaso, tornando-os como que impotentes frente aos acontecimentos. Na UNICAMP, atualmente, um dos maiores problemas dos pesquisadores está relacionado com o cálculo orçamentário para as diferentes despesas de um projeto de investigação; de fato, com a inflação galopante, com o carnaval de índices para a atualização da moeda e com a moda dos pacotes econômicos (mudando agora ao sabor das estações e ao sabor das leis da refrigeração: congelamento/descongelamento), não existe controles e nem acompanhamentos contábeis suficientemente capazes de dar conta dos passos futuros de um determinado projeto. Fico aqui comigo imaginando a dificuldade das seções de seleção e aquisição das bibliotecas, que geralmente possuem um teto de verbas para a compra de livros ... nunca o previsto e orçado é semelhante àquilo que é adquirido.

Os reflexos dessa situação sobre o trabalho das bibliotecas públicas e escolares brasileiras parecem-me também drásticos e não muito promissores em termos de perspectivas ou transformações a curto e médio prazo. Para chegar às colocações mais gerais desta minha participação neste encontro, vou aproveitar alguns dados conseguidos através da dissertação de mestrado de Beatriz Helena Giongo, intitulada "O livro como objeto de lazer no âmbito das bibliotecas públicas da região de Campinas"(1). Essa dissertação foi apresentada na PUCC-Campinas no dia 1º de agosto próximo passado. Tive o prazer de fazer a orientação desse trabalho, que investigou a situação da leitura-prazer nas 18 cidades da microrregião de Campinas, chegando a fornecer um quadro geral do que está ocorrendo em termos de dinâmica de funcionamento de bibliotecas públicas. Ressalto aqui que farei comentários sobre as conclusões mais abrangentes do trabalho de Beatriz, interpretando-as no contexto da reflexão que agora construo.

O primeiro resultado da referida pesquisa talvez simplesmente corrobore o óbvio para todos nós, ou seja, que as bibliotecas públicas das cidades brasileiras funcionam como bibliotecas escolares. Da amostra estudada,

composta de jovens de 12 a 18 anos, cerca de 70% se utilizam dos serviços da biblioteca pública a fim de fazer pesquisa para a escola. Este fenômeno, óbvio como eu já disse, mostra claramente a inexistência de bibliotecas e de serviços biblioteconômicos no âmbito das escolas, obrigando milhares de jovens a se deslocarem dos seus bairros de residência para as zonas centrais da cidade, onde as bibliotecas públicas municipais se localizam. Como esse traslado nem sempre pode ser feito por parte da maioria dos estudantes, considerados os altos custos do transporte urbano e outros motivos de *cunho familiar*, então o próprio acesso fica sensivelmente prejudicado. Por outro lado, como *uma só* biblioteca e *um só* acervo atende a centenas de solicitações das escolas e como a infra-estrutura de atendimento não é das melhores, aquilo que anteriormente era previsto como pesquisa escolar se transforma em mera obrigação para o consumo rápido de obras de referência. Relinda Köhler, bibliotecária do Estado do Paraná, vem demonstrando, através de diferentes estudos, a *mentira* em que se transformou a chamada pesquisa escolar. Assim sendo, caberia questionar se é uma função das bibliotecas públicas reforçar essa mentira, produzida na estrutura educacional e que vem estourar junto àqueles (os bibliotecários) que “devem atender ao usuário com solicitude e benevolência” de modo que a frequência a biblioteca não fique nunca prejudicada. Será que “ganhar” um leitor é somente fornecer aquilo que ele procura? Ou será que existe uma DIMENSÃO crítico-educativa no trabalho biblioteconômico, facilitando a superação da rotina, da mentira e, muitas vezes, do besteiro que são reproduzidos no contexto das bibliotecas? Será que os bibliotecários devem simplesmente aceitar, sem muito questionamento, de mão beijada e de cabeça baixa, os efeitos dessa conjuntura e, como decorrência, *fingirem* que fazem um trabalho sério de dinamização da cultura?

A pesquisa de Beatriz mostrou que é o livro da literatura aquele que os jovens mais gostam de ler e de emprestar das bibliotecas. Apesar de usarem alguns livros técnicos (didáticos, às vezes) e enciclopédias para a efetivação de suas obrigações escolares, são as obras literárias que concretamente sustentam a formação do gosto pela leitura e, como conseqüência, a aproximação básica entre o leitor e a biblioteca. Este dado nos leva a refletir sobre as reais condições de atendimento dos interesses e das preferências dos leitores pelos acervos de literatura existentes nas bibliotecas. Na maioria das vezes, tais acervos encontram-se bastante defasados, demorando muito tempo para serem atualizados em termos de títulos. Nem sempre os usuários são analisados a contento no sentido de orientar a seleção e aquisição; nem sempre existem verbas disponíveis para acompanhar os lançamentos; nem sempre as secretarias municipais de educação e/ou de cultura se preocupam com a biblioteca, etc... Com isso, a estrutura dos serviços biblioteconômicos simplesmente patina no mesmo lugar, gerando um desestímulo em quem nela trabalha ou, o que é pior, a chamada “acomodação à miséria”. Todos aqui devem conhecer o famoso ditado “Quando as verbas diminuem, o primeiro setor a sofrer cortes é a biblioteca...” Verifiquem

que, em função da contínua e intensa produção editorial brasileira na área ficcional, a atualização do acervo de uma biblioteca deve também ser contínuo e intenso, sob o risco de se esclerosar muito rapidamente.

Quem são os principais informantes da leitura dos jovens pesquisados? Os percentuais conseguidos pela pesquisa foram os seguintes: professores respondem por 45%; família, 38%; colegas e amigos 14%. Os bibliotecários respondem por apenas 1,5% das indicações ou sugestões das leituras realizadas no seu contexto direto de atuação (a biblioteca). Sinceramente falando, esses resultados chegam a me assustar mesmo porque, em termos de dinamização da leitura e de contribuição à educação dos leitores, o bibliotecário parece exercer um papel passivo, de mero entregador de livros, colocando-se fora dos circuitos de interlocução e de interação onde nascem os leitores e os gostos. Talvez resida exatamente aí o pêndulo manco da biblioteconomia brasileira, tendendo o trabalho cotidiano e prático para a área técnica (e agora tecnológica), mas incapaz de transformar em ação concreta o discurso ou a fraseologia retumbante em torno da necessidade da reflexão sobre social. Esse discurso, no meu ponto de vista, pouco tem modificado a ação concreta realizada no âmbito das nossas bibliotecas, ou seja, o questionamento constatável em vários discursos não foi ainda capaz de tirar muitos dos bibliotecários da esfera de procedimentos rotineiros, compartimentados, reproduzidos da mesma maneira de ano para ano e quase sempre seguindo os paradigmas do autoritarismo.

Um dos principais objetivos da pesquisa aqui recuperada era o de levantar e sistematizar as atividades recreativas, planejadas e executadas por bibliotecas públicas municipais, que fossem orientadas à formação do gosto pela leitura por parte dos estudantes. Foi observado que a maioria das bibliotecas ainda trabalha dentro da linha comemorativa (semanas ou dias especiais). Tal fenômeno segue paralelo às atividades do calendário escolar, também formuladas a partir de comemorações contínuas ao longo do ano. As energias dispendidas na organização dessas atividades – em si mesmas episódicas, geralmente redundantes – (repete-se o mesmo lero-lero de ano para ano) e de efeito duvidoso junto aos leitores – fazem com que os projetos a médio e longo prazo permaneçam em plano secundário. Precisamos tomar consciência de que o panorama da leitura neste país não será nunca modificado através de ações imediatistas, descontínuas e/ou repetitivas – influências duradouras da biblioteca na comunidade vão resultar de planos diretores a longo prazo, que continuem ao longo do tempo e que, por terem bases sólidas e a participação de muitos na sua elaboração, confrontem as possíveis mudanças de rumo depois dos quatro anos de uma administração.

Outro aspecto da pesquisa que merece ser ressaltado diz respeito ao trabalho integrado que deveria existir entre a biblioteca e as escolas. Em que pese ser o estudante o principal usuário da biblioteca, obtendo aqui os referenciais de leitura que as escolas não têm, ínfimas foram as propostas

para atividades conjuntas com as escolas. Geralmente os bibliotecários criticam as orientações de pesquisa fornecidas pelas escolas, mas não executam ações concretas ou projetos duradouros para a minimização ou superação dos problemas detectados. Nesse jogo de culpas, carências e necessidades, quem sai perdendo, como era de se prever, é o próprio estudante. Em verdade, aqui entre nós, creio que não são pouco os bibliotecários que vivem no “saudosismo” de um tempo que nunca existiu, achando que o papel da biblioteca pública não é o de atender aos estudantes. Um preconceito ao mesmo tempo doido e maligno, no meu ponto de vista.

Uma outra conclusão que eu gostaria de comentar está relacionada com o fato de que a maior parte das atividades realizadas pelas bibliotecas está voltada para o leitor infantil ou mirim, situado principalmente numa faixa etária de até 12 anos. Nestes termos, atividades envolvendo adolescentes, adultos e idosos (em verdade os principais usuários das bibliotecas públicas) não parecem ser uma preocupação dos responsáveis pelas bibliotecas da região de Campinas. Por outro lado, existe uma forte semelhança entre as atividades descritas (hora do conto, manhã de lazer, concursos vários, etc...), que pode indiciar um desconhecimento de outras possibilidades de dinamizar a leitura no contexto da biblioteca.

Finalmente e não menos importante, o trabalho de Beatriz mostra que, apesar dos pesares e das carências, as bibliotecas públicas constituem-se no único e quase exclusivo recurso de acesso à leitura por parte dos estudantes. Conforme os resultados que obtive através da sua pesquisa, 65% dos estudantes encontram os livros de que mais gostam de ler nas bibliotecas públicas de suas cidades. Dessa forma, creio estarem no caminho certo Luis Augusto Milanesi ao tentar na prática os CINC's no Estado de São Paulo, e outras iniciativas nacionais que dirigem-se à revitalização dos acervos e serviços ligados às bibliotecas públicas. Eu, particularmente, tomo esses espaços como redutos muito especiais de iniciação à leitura, neste país de tão poucos leitores. Pena que esses redutos mereçam tão pouca atenção por parte das autoridades municipais e que sejam lembrados apenas em períodos eleitorais, dentro da verborragia política tão bem conhecida por todos nós.

Retomando o fio com que comecei a tecer esta minha reflexão – esta minha “ligeira” reflexão, vale dizer – e puxando-o para a esfera das previsões, faço uma hipótese arrojada de que, em termos de mudanças a curto prazo, pouco pode ser feito pelas bibliotecas públicas e escolares brasileiras face às estruturas que pouco se modificaram nesta década e face à conjuntura que daí resulta e que se nos apresenta. Como jamais me coloquei como um partidário do imobilismo ou do deixa-como-está-para-ver-como-é-que-fica, sinto-me na obrigação de partilhar com vocês a seguinte postura: manter a nossa dignidade humana a qualquer custo, lembrando que a ética e a estética são fundamentais e devem ser preservadas em momentos de crise. E se pouco estamos podendo fazer neste momento, então que o aproveitemos

para refletir, para descongelar a nossa imaginação criadora, para fazer uma opção política e, com todo esse estoque de energia, lutar por nós mesmos. É que o momento de mudança real não nos pegue desprevenidos!

Abstract – At the beginning, the author criticizes the bureaucracy and the type of mentality found in Brazilian public libraries. Describes some points of view related to the various crises the country is going through. Draws some comments on the research “The book as a leisure object in public libraries from Campinas region”, by Beatriz Giongo/PUCCAMP. Concludes that not much can be changed at the present moment, until the economic and political situation is cleared up.

- 1 cf. GIONGO, Beatriz Helena. *O livro como objeto de lazer no Âmbito das Bibliotecas Públicas da Região de Campinas*. Campinas, 1989. (Dissertação de Mestrado – PUCCAMP)
- CAMPELLO, Bernadete Santos & CAMPOS, Carlita Maria. *Fontes de informação especializada: características e utilização*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1988. 143 p.

As finalidades deste livro são as de “servir como texto didático para estudantes e como auxílio para professores na preparação de cursos de bibliografia especializada”. As autoras, docentes dessa matéria na Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais, dominam o assunto com competência.

A obra abrange, de forma sucinta e fluente, praticamente toda a tipologia de fontes de informação que são normalmente utilizadas em bibliotecas especializadas e universitárias e centros de documentação. Não sendo intenção das autoras tratar de forma exaustiva as fontes de informação existentes, elas se orientaram para apresentar os problemas e o contexto em que se situam as diferentes fontes, procurando exemplificar com aquelas mais relevantes e dando particular atenção às que foram produzidas no Brasil.

A Introdução (P. 9-12) é especialmente importante como orientação básica para a organização de programas de ensino de bibliografia especializada. As autoras concordam com a afirmação, que também considero válida, de Jesse Shera e Margareth Egan, segundo quem a bibliografia deve ser vista “como um dos instrumentos no processo total de comunicação e ensinada não com base no estudo de obras individuais, mas numa visão global e abrangente do processo”.

Existem alguns pequenos senões de revisão tipográfica que certamente serão corrigidos numa segunda edição. Além disso, a própria dinâmica e rapidez das mudanças no campo da bibliografia e das próprias instituições não possibilitou a inclusão de informações mais recentes. Sente-se a ausência de informação sobre as bases de dados em discos compactos (CD-ROMs), que, inclusive, já vêm sendo utilizadas em algumas instituições brasileiras. Na página 136, a informação sobre o endereço do IBICT está errada, pois, desde setembro de 1985, ele está instalado no Setor Comercial Norte, Quadra 2, Bloco K, 70710 Brasília, DF.

Esta é uma obra de grande valor para professores e estudantes de Biblioteconomia. Esperamos que encontre a receptividade que merece e que possa ser ampliada e atualizada em futuras edições.

Antonio Agenor Briquet de Lemos
Departamento de Biblioteconomia
Universidade de Brasília

CONROY, Barbara & JONES, Barbara Schindler. *Improving communication in the library*. Phoenix, Arkizona, Oryx Press, c1986, 196 p.

Embora publicada em 1986, a obra pode despertar interesse entre leitores brasileiros, não apenas em virtude da notoriedade das autoras, mas em grande parte face à indigência quase absoluta desse tipo de obras na literatura nacional especializada.

A ficha catalográfica (catalogação-na-fonte) insinua a importância do Índice com abrir uma Nota Especial para o mesmo na pista. O Índice, de fato, é muito bem elaborado do ponto de vista técnico, mas transmite uma sensação de insignificância e desequilíbrio proporcional quando comparado com o documento a que se refere: suas sete páginas correspondem a apenas 3,5% do manual que lhe deu origem, o que é considerado, normalmente, sobriedade em demasia.

A *Bibliografia Seleccionada, que precede o Índice, é, em suas seis e meia páginas, na verdade, o que o título sugere: uma verdadeira crestomatia bibliográfica da área de Comunicação, reproduzindo, agora em ordem alfabética, as Notas (referências) disseminadas pelos diversos capítulos. Apresentação gráfico-editorial primorosa.*

Difícilmente um profissional de qualquer área conseguiria dar seu recado (comunicar!) com maior desenvoltura, entusiasmo e competência do que essas duas comunicólogas americanas, que, além do mais, dão a impressão de serem pós-graduadas ou especializadas em "marketing", tama-

nha a facilidade e a felicidade com que vendem seu produto. Clareza de conceitos, notável concatenação das idéias, equilíbrio (quase simetria) na distribuição da matéria pelos capítulos (em três partes bem proporcionais), sem excessos de doutrinação, parecem ser algumas das qualidades mais notáveis, para não mencionar o donaire, o indefectível senso de humor (herança anglo-saxônica) e a ironia discreta que empregam para nos vencer a idéia de que a comunicação é a panacéia adequada para os achaques, grandes e pequenos e para as “doenças gerenciais” que afligem as organizações modernas.

É, em suma, uma das melhores apologias da Comunicação, guindada à condição de elemento vital no processo administrativo de qualquer empresa ou organização.

Apesar de direcionada para os profissionais da informação atuando em bibliotecas convencionais, a obra tem competência de sobra para enriquecer as estantes (e, espera-se, também, as mentes) de quem quer que se preocupe com, ou tenha responsabilidade pela administração de recursos humanos em empresas de qualquer natureza ou porte. Para aguçar o apetite dos eventuais interessados nesse tipo de leitura, vai aqui uma pequena antologia de alguns dos pensamentos, definições e profissões de fé das autoras, que podem denunciar (ou apregoar?) a orientação geral de sua “filosofia”:

- “os bibliotecários precisam adquirir mais conhecimento a respeito da Comunicação dentro das organizações”, uma vez que:
- “a Comunicação como processo de organização está alheia ao currículo da maioria das escolas de Biblioteconomia”;
- “quando o pessoal (de todos os níveis) em atividade em bibliotecas compreender mais profundamente quanto a informação, a comunicação e a tomada de decisões estão intimamente relacionadas entre si, e quanto elas enriquecem sua capacidade de comunicação, o desempenho global das bibliotecas conhecerá um enorme impulso, para proveito, em última instância, daqueles a quem elas servem”;
- “apesar da tentação de considerar as organizações como se fossem abstrações, e de desenhá-las sob a forma de pirâmides com quadradinhos e retângulos representando seus níveis hierárquicos e respectivas funções, é preciso enfatizar o fato de que as organizações são pessoas – seres humanos individuais unidos pela Comunicação. As pessoas, e não os retângulos e quadrados, põem a organização a funcionar, e o fazem, em grande parte, graças à Comunicação”; finalmente:
- “uma liderança autêntica ajuda os indivíduos a crescer na organização, em vez de subjugá-los. Parece não haver suscedâneo para a satisfação que toma conta das pessoas quando envolvidas na tomada de decisões em equipe, no dividir tarefas e responsabilidades”.

MOORE, Nick. *How to do research*. 2a. ed. London, Library Association, c1987, 150 p.

Esta segunda edição foi publicada em 1987, com reimpressão em 1988, mas a primeira é (segundo informações colhidas na contracapa) de 1983.

Uma rápida vista d'olhos no Sumário é suficiente para dar uma idéia do caráter prático, lógico e objetivo da obra, que em apenas oito capítulos discorre sobre os temas e os problemas fundamentais com que normalmente se depara quem toma a peito o trabalho de pesquisa.

O capítulo dois, ocupando aproximadamente um terço da obra, reflete a importância maior que seu tema, a Metodologia, ocupa no processo, embora o autor destaque, além dele, o sobre o Objetivo e o que trata da Apresentação dos Resultados, considerados requisitos básicos da pesquisa científica.

O Objetivo, a Metodologia, o Projeto, os Recursos Financeiros, o Início da Pesquisa, as Conclusões da Pesquisa, o Relatório da Pesquisa e a Divulgação dos Resultados são os oito capítulos que constituem o núcleo da obra.

Obviamente o autor não mencionou a Escolha de um Tema como etapa inicial, provavelmente partindo do pressuposto de que ao decidir iniciar uma pesquisa o candidato a pesquisador tenha um Assunto.

Com o título de *Leitura Adicional*, o autor acrescenta um derradeiro capítulo, o nono, em que seleciona e analisa oito obras por ele consideradas fundamentais para quem se inicia no mister de pesquisador, deixando de parte a imensa literatura técnica sobre o assunto.

Antigo membro do quadro de funcionários do Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento da British Library, acrescentou a esta segunda edição a vasta experiência acumulada ao longo de vários anos como consultor "freelancer" para projetos de pesquisa. Provavelmente encontra-se aí explicação suficiente para o sucesso com que apresenta de forma equilibrada os aspectos teóricos e práticos da atividade de pesquisa.

Destinada a pesquisadores (neófitos, principalmente) de qualquer área do conhecimento, apresenta, contudo, um significativo número de exemplos extraídos do contexto das ciências da informação.

O estilo é o de quem parece pôr em prática a orientação de John Martyn, por ele citado, quando diz que a um bom pesquisador não lhe devem

falecer, entre outros dotes, a habilidade de escrever em estilo claro, conciso, e, de preferência, engraçado (isso mesmo: engraçado!). A fidelidade ao mestre citado se restringe, todavia, ao Claro e ao Conciso, pois em nenhum momento o autor parece preocupado com divertir o leitor. É até exageradamente sério, quase sisudo.

É, no nosso entender, uma contribuição valiosa à desmistificação dessa coisa genialmente simples a que certos indivíduos pouco geniais resolveram emprestar ares de solene e estulta complexidade.

Como soe acontecer na maioria dos casos de obras publicadas por editores de países do primeiro mundo, o aspecto gráfico-editorial não poderia desmerecer o padrão geral de qualidade estabelecido pelos privilegiados parceiros daquela comunidade. O Índice alfabético (temático); todavia, é por demais lacônico, resumindo-se a meras duas páginas, com 103 entradas, numa obra densa de informações precisas e preciosas. É que, de forma quase sistemática, despreza recursos tais como remissivas/referências cruzadas, entradas por sinônimos e antônimos, desdobramento (inversão) de termos, e mesmo porque simplesmente omite, talvez propositada e arbitrariamente, talvez por incúria, termos que representam temas específicos de muito provável interesse para busca, sobretudo por parte de especialistas.

LEMOS, Antonio Agenor Briquet de. *Olhar do silêncio*. Brasília: tipografia de Brinquedo, 1989, xii, 30p. 137x207mm.

Bibliotecário, poeta, artista gráfico e editor. Tudo isso é Antonio Agenor Briquet de Lemos, que o prova com a publicação de seu livro *Olhar no silêncio*. O bibliotecário e professor Briquet já é bem conhecido. Agora ele se revela poeta sensível nos seus belos sonetos, na sua poesia concreta e nos pequenos poemas sem título, que encerram o volume. Veja-se o último:

O que nos separa?
A ausência distante
ou a presença constante?

Briquet confirma sua erudição ao escolher belas epígrafes, tanto no início (Octavio Paz, Michel Camus, Carlos Drummond de Andrade), como no princípio de quase todos os poemas (Shakespeare, John Donne, William Blake, Mário Quintana, T.S. Elliot, Verlaine, Fagundes Varela, Cervantes, Cecília Meireles, Cassiano Ricardo etc.), e uma epígrafe final, de José Sarago.

O artista gráfico e editor se revela na normalização e na editoração do livro, que são perfeitas. O livro foi catalogado na fonte e, no final, o autor

acrescentou (fato raro, senão inédito as fontes das epígrafes, num total de vinte referências completas, com indicação da página do texto citado.

A capa causa uma viva emoção estética, com sua simplicidade e harmonia. Apenas o título, no alto, em caixa alta, impresso em vermelho, o nome do autor, em caixa alta e baixa, em preto, e a reprodução de um desenho de Picasso. É de se observar o fato (coisa rara) de que o autor/editor, no verso da folha de rosto, dá os devidos créditos do autor do desenho e à publicação de onde foi feita a reprodução. A folha de rosto traz o título e o nome do autor, como na capa, mas, inversamente, o nome do autor está no alto e o título um pouco acima do meio da página. A imprensa, ao pé da página, está emcimada por uma pequena vinheta representando o tipógrafo trabalhando em uma prensa manual. É a marca da editora. O branco do meio da página contém uma discreta vinheta.

As manchas tipográficas são arejadas com amplos brancos. A pequena dedicatória foi colocada no canto de uma página ímpar. A página ímpar seguinte contém quatro epígrafes compostas, como todas as demais, em corpo miúdo. Cada poema ocupa apenas uma página, com generosos brancos no alto.

A composição é inovadora. No estudo introdutório, de Airton Garcia Delima, os parágrafos não têm branco de entrada no início, mas sim um branco à esquerda da última linha de cada parágrafo. Os poemas não se justificam à esquerda, como é comum, mas sim no centro. O título corrente, formado pelo nome do autor e o título, aparece em todas as páginas.

Na composição, manual, foram utilizados belos tipos móveis, com cerifas, das famílias Medieval e Bembo. A impressão foi feita em prelo manual, sobre papel vergê de 120g/m, marca Classic. As capas foram impressas sobre papel velino, de 300g/m, de pH neutro, que o editor trouxe da França.

O livro foi diagramado, composto e impresso pelo autor, em sua Tipografia de Brinquedo, onde ele já imprimira, em 1987, seu outro livro de poemas, *O gesto desfeito*. No colofão, o editor dá indicação de todas as características do livro, tipos e corpos, tintas empregadas, tipo de preço utilizado e seus respectivos fabricantes. A tiragem foi de apenas cem exemplares.

Trata-se de um belo e raro livro de arte que serve de modelo para outras publicações.